

Diálogo e dialogismo Dialogue and dialogism

Fanuel Paes Barreto
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Resumo

A perspectiva dialógica, ou dialogismo, derivada dos estudos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, tem se mostrado um enfoque teórico particularmente produtivo na análise do discurso, entre outras áreas das ciências humanas. Nessa perspectiva, o conceito de “diálogo” ocupa, naturalmente, um lugar central. Com base na leitura de textos representativos do pensamento de Bakhtin e Volóchinov, o presente ensaio procura demonstrar que, no âmbito dos estudos dialógicos, o diálogo cotidiano não só tem uma posição de destaque enquanto forma clássica de atividade linguageira, como também exerce o papel de matriz geradora de analogias fundamentais para a condução da análise dos fenômenos discursivos, a formulação de proposições teóricas e o estabelecimento de terminologia específica.

Palavras-chaves: Discurso. Gênero discursivo. Bakhtin. Volóchinov.

Abstract

The dialogic perspective, or dialogism, derived from the studies of Mikhail Bakhtin, Valentin Voloshinov and Pavel Medvedev, has proved to be a particularly productive theoretical approach in discourse analysis, among other areas of the human sciences. From this perspective, the concept of “dialogue” naturally occupies a central place. Based on the reading of representative texts of the thought of Bakhtin and Voloshinov, the present essay seeks to demonstrate that, in the context of dialogic studies, everyday dialogue not only has a prominent position as a classic form of language activity, but also exerts the role of generating matrix of fundamental analogies for conducting the analysis of discursive phenomena, the formulation of theoretical propositions and the establishment of specific terminology.

Keywords: Discourse. Discursive genre. Bakhtin. Voloshinov.

Informações do artigo

Submetido em 02/03/2023
Aprovado em 24/03/2023
Publicado em 12/05/2023.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2023.v23n2.p05-20>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

BARRETO, Fanuel Paes. Diálogo e dialogismo. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 23, n. 2, p. 05-20, maio/ago. 2023.

1 INTRODUÇÃO

O *dialogismo*, ou a perspectiva dialógica da linguagem, resultante das reflexões desenvolvidas, na primeira metade do século passado, sobretudo, por Mikhail Bakhtin, mas também por Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, não só caracteriza o pensamento desses estudiosos russos sobre as variadas manifestações da linguagem, como representa uma abordagem teórica que se vem mostrando extremamente profícua na moderna análise do discurso, entre outros campos das ciências humanas. Embora nunca tenha sido empregado por Bakhtin, o termo “dialogismo” parece conveniente, uma vez que “algum meio sintético deve ser encontrado para categorizar as diferentes maneiras como ele meditava sobre o diálogo” (HOLQUIST, 2002, p. 15)¹.

Na base conceitual e terminológica dessa perspectiva, encontra-se o fenômeno comunicativo que um autor mais recente, e de postura teórica diversa, o psicolinguista Herbert Clark, descreveu como “o lugar fundamental para o uso da linguagem”, isto é, “a conversação, o diálogo espontâneo entre duas ou mais pessoas” (CLARK, 1996, p. 318)². Como se vê, o reconhecimento da importância desse fenômeno para a compreensão do comportamento verbal e da interação social é crucial não apenas para o dialogismo, mas também para outras correntes de estudo; entre elas, poderíamos mencionar, por exemplo, a análise da conversação, de inspiração etnometodológica, concebida por Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, a partir de meados da década de 1960. Assim é que, com Schegloff, poderíamos ir além e afirmar que o diálogo ou a conversação, ou, mais geralmente, a fala em interação, desempenha papel central nas instituições sociais e na cultura em geral:

Se alguém reflete sobre as atividades concretas que formam essas instituições abstratamente nomeadas – a economia, a política, bem como as instituições para a reprodução da sociedade (o cortejo, o casamento, a família, a socialização e a educação), a lei, a religião e assim por diante, chega à

¹ No original: “some synthetic means must be found for categorizing the different ways he meditated on dialogue.”

² No original: “The fundamental site for language use is conversation, spontaneous dialogue among two or more people”.

conclusão de que a interação – e a *fala* em interação – aparece no centro delas (2020, p. 70, itálico original).³

A exposição a seguir se desenvolverá em torno de duas indagações: primeiro, quais seriam as propriedades atribuídas ao diálogo nos textos fundadores da perspectiva dialógica e, segundo, em que medida essas propriedades são, nesses textos, extrapoladas para os demais gêneros discursivos, de modo a se apresentarem como características gerais das atividades languageiras. Ao tentar responder às duas questões, meu objetivo será o de sustentar a tese de que, na elaboração original do enfoque dialógico, o gênero “diálogo” constitui, além de objeto de análise *per se*, um fecundo referencial analógico – uma *matriz* analógica – para a formulação de conceitos e proposições, bem como para a escolha de uma terminologia específica.

A título de esclarecimento, ressalto que, por textos fundadores do dialogismo, tomo aqueles escritos incluídos no que se poderia considerar o “cânon” do assim chamado Círculo de Bakhtin, que compreende as obras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Dados os limites de meu objetivo, o uso desse cânon será bastante restrito e seletivo, embora, espero, representativo. Quanto à autoria dos textos, seguirei a fixada nas edições que utilizo, a despeito das disputas em torno dessa questão.

2 O DIÁLOGO SEGUNDO BAKHTIN E VOLÓCHINOV

Procuramos, então, responder à primeira questão proposta acima, sobre quais seriam as propriedades atribuídas ao diálogo nos textos que deram origem à perspectiva dialógica. Para tanto, consideraremos, nesta seção, aquelas passagens textuais que Bakhtin e Volóchinov dedicam especificamente à natureza e organização do diálogo, tentando identificar as propriedades que os autores apontam como constitutivas dessa forma de discurso e o lugar que ela ocupa no âmbito das atividades languageiras.

Conforme sugere Serguei Botcharov (BAKHTIN, 2016, p. 14, n. 4), podemos tomar a noção de gêneros do discurso como o conceito que opõe a

³ No original: “If one reflects on the concrete activities that make up these abstractly named institutions – the economy, the polity, and the institutions for the reproduction of the society (courtship, marriage, family, socialization, and education), the law, religion, and so forth, it turns out that interaction – and *talk* in interaction – figure centrally in them.”

perspectiva dialógica àquelas correntes de pensamento linguístico-filosófico que Bakhtin e Volóchinov consideravam as mais importantes em sua época, a saber: o *subjetivismo individualista* (representada por Wilhelm von Humboldt e Karl Vossler) e o *objetivismo abstrato* (expressa mais claramente em Ferdinand de Saussure e na Escola de Genebra, dele derivada) (cf. VOLÓCHINOV, 2018, p. 143-72).

A oposição básica entre essas correntes se apresenta na definição do objeto de estudo específico à linguística ou à filosofia da linguagem. Para Vossler, tal objeto consiste no ato discursivo, individual e criativo; já Saussure vai encontrá-lo na língua, ou seja, no sistema de formas que determina normativamente cada ato discursivo individual. Por seu lado, Bakhtin elege, como objeto concreto do estudo linguístico, o “enunciado” – a “*real* unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29, *italico original*). Segundo ele: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

No ensaio intitulado “Os gêneros do discurso”, Bakhtin observa que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 12, *italico original*). Entre esses tipos, podem-se identificar os “gêneros primários (simples)” – por exemplo, o diálogo cotidiano, a carta privada etc. – “que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata”, e os “secundários (complexos)” – romance, drama, pesquisa científica, publicidade etc. – que “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)”; em sua formação, os gêneros secundários “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples)” (BAKHTIN, 2016, p. 15). Segundo Bakhtin, é justamente no “diálogo cotidiano” que se observa com maior evidência o mecanismo que estabelece os limites do enunciado. Tal mecanismo consiste na “alternância dos sujeitos do discurso”, ou seja, “a alternância dos falantes”, o que quer dizer: “o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29). Sendo assim, “por sua simplicidade e

precisão, o diálogo é a forma clássica da comunicação discursiva” (p. 29; cf. também p. 34).

A “excepcional evidência” com que o diálogo exhibe a alternância dos falantes provém do fato de que, nele, essa alternância se concretiza em “réplicas” que, embora se apresentem interligadas, possuem uma “conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 29-30). Têm-se aqui dois aspectos fundamentais da interação dialogal. Primeiro, a atuação do falante define não só o “autor”, mas também o “destinatário” do enunciado. Cabe assinalar, contudo que, na dinâmica do diálogo, ocorre, em certa medida, uma sobreposição desses papéis: “aquele a quem eu respondo é meu destinatário, de quem, por sua vez, aguardo resposta (ou, em todo caso, uma ativa compreensão responsiva)” (BAKHTIN, 2016, p. 62-3). O segundo aspecto fundamental consiste no fato de que, entre o enunciado do falante e a resposta por ela suscitada, se estabelecem relações específicas, como pergunta-resposta, afirmação-objeção/concordância, proposta-aceitação, ordem-execução etc. Essas relações que se percebem claramente entre as réplicas do diálogo são, na verdade, variedades, ou “modalidades”, daquelas que se apresentam “entre os enunciados plenos no processo da comunicação discursiva” (p. 30).

Bakhtin (2016, p. 31-69) se serve do material do diálogo para caracterizar as peculiaridades do enunciado enquanto “unidade da comunicação discursiva”, em oposição à oração como “unidade da língua”; isso porque as relações discursivas que se criam entre os enunciados (por exemplo, entre as réplicas do diálogo) são de natureza distinta das relações sintáticas que se estabelecem entre as orações dentro do enunciado (dentro de cada réplica, por exemplo). Sem nos determos, por não ser relevante aqui, no problema da oração, consideremos apenas os traços constitutivos peculiares ao enunciado, como elencados por Bakhtin. Em primeiro lugar, está precisamente a alternância dos sujeitos do discurso, “que emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados” (p. 35). Intimamente associada a essa propriedade, encontra-se a “conclusibilidade” específica do enunciado, que resulta do fato de que, tendo o falante dito *tudo* o que tinha a dizer, passa a

palavra ao outro, a sua possível resposta. Uma terceira peculiaridade do enunciado está em que o que o falante diz, além de envolver um conteúdo temático, carrega um elemento expressivo, isto é, a relação emocional e valorativa que o falante tem não só com o seu enunciado, mas também com o enunciado do outro, sendo já, desse modo, uma forma de resposta, pois “todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva” (p. 57). O quarto e último traço característico está em que o enunciado do falante envolve um “direcionamento” ou “endereçamento” e pressupõe a sua “responsividade” por parte do outro, ou mesmo antecipa a resposta deste; para Bakhtin, sem esse direcionamento, “não há nem pode haver enunciado” (p. 68). A alternância dos falantes, a conclusibilidade, o elemento expressivo e o direcionamento são, portanto, segundo Bakhtin, propriedades constitutivas do enunciado – não da oração – e se mostram particularmente evidentes nas réplicas do diálogo.

Por sua vez, no clássico *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov, à procura da “realidade efetiva da linguagem”, vai encontrá-la “no acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou vários enunciados”. Dessa interação, diz ele, “o diálogo no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas”, mas acrescenta: “apesar de ser a mais importante” (VOLÓCHINOV, 2018, 218-9). Em outra ocasião, no ensaio “A construção do enunciado”, afirmará: “o diálogo – a troca verbal – é a forma mais natural da linguagem”; isso porque “é possível falar que toda comunicação ou interação discursiva ocorre na forma de uma *troca de enunciados*, isto é, na forma de um *diálogo*” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 272). Em nota a essa passagem, Volóchinov oferece uma conceituação bem simples de diálogo, como “uma conversa mútua entre duas pessoas”, e esclarece que “os enunciados trocados pelos participantes do diálogo são chamados de réplicas” (p. 272).

Volóchinov enfoca o diálogo no contexto dos “pequenos gêneros cotidianos” nos quais a comunicação discursiva é “composta por dois momentos: o enunciado do falante e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte”. O momento da compreensão, no entanto, comporta “elementos de uma resposta”:

Em condições normais, sempre concordamos ou não concordamos com aquilo que ouvimos. Habitualmente, respondemos a todo enunciado do interlocutor, se não com palavras, ao menos com gestos: o movimento das mãos, o sorriso, o balanço da cabeça etc. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 272).

Na verdade, essa composição pode ser vista como constitutiva do enunciado em geral. Segundo Volóchinov, todo enunciado, “leva em conta um ouvinte, isto é, a sua *compreensão* e *resposta* [...], sua *concordância* ou *discordância*, em outras palavras, a *percepção avaliativa* do ouvinte (“auditório)” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 273, itálico original). Isso tem a ver com o fato de que “todo discurso é orientado para outra pessoa” e essa “orientação social” do enunciado pressupõe as características “sócio-hierárquicas” dos interlocutores (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280).

Vemos, assim, que, em suas descrições da natureza e organização do diálogo, Bakhtin e Volóchinov salientam essencialmente os mesmos aspectos e propriedades desse gênero discursivo. Contudo, em ambos, essas descrições, não obstante decisivas, se situam no âmbito de discussões de temas mais amplos. Nenhum dos dois sente necessidade de uma análise mais detida e detalhada das estruturas e processos envolvidos especificamente na organização do diálogo. Aliás, Bakhtin alerta para o fato de que o estudo exclusivo desse ou de outros gêneros primários não é suficiente para oferecer “uma definição correta da natureza linguística do enunciado” e resulta “na vulgarização de todo o problema” (BAKHTIN, 2016, p. 14, 16). Entretanto, Volóchinov (2018, p. 251) reconhece que “o problema do diálogo passa a atrair cada vez mais a atenção dos linguistas, tornando-se às vezes o foco central de seus interesses” e, em nota, refere o trabalho pioneiro, entre os linguistas russos, de Lev Jakubinskij, *Sobre a fala dialogal* (JAKUBINSKIJ, 2015).

Neste trabalho, o referido linguista enfoca, de modo específico, o diálogo, que, para ele, é uma forma de comunicação “não mediatizada” (ou seja, ocorre face a face), tem um caráter “natural”, em oposição à artificialidade do monólogo, e apresenta como característica principal “o fenômeno das réplicas”; além disso, sua recepção e compreensão são “aperceptivas”, isto é, são determinadas pelas experiências e pelo psiquismo do indivíduo (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 67-98). Ainda segundo o linguista, o diálogo reflete,

em parte, a natureza “estereotipada” da vida cotidiana e manifesta a fala como uma atividade “automática” (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 99-116). Ao final do trabalho, ele reconhece a incompletude e superficialidade de suas reflexões, atribuindo a causa disso, em parte, à precariedade da linguística da época no que se refere à coleta do material necessário à análise e confessando ter sido o seu objetivo tão somente o de apresentar as peculiaridades do diálogo entre os fenômenos da fala.

Mesmo nesse rápido sumário das proposições de Jakubinskij, é possível perceber aproximações e distanciamentos entre suas posições e as de Bakhtin e Volóchinov; de fato, esse é um tema que vem sendo discutido entre os estudiosos (cf. CUNHA, 2016; IVANOVA, 2011). Contudo, o mais relevante aqui é observar que as abordagens desses linguistas se desenvolvem em sentidos diferentes: enquanto Jakubinskij parte do fenômeno mais amplo da fala para focar especificamente a fala dialogal, Bakhtin e Volóchinov tomam o diálogo como um fenômeno que lhes permite enxergar de forma mais nítida as atividades languageiras em geral, das mais simples às mais complexas. Em outras palavras, ao analisarem esse gênero, Bakhtin e Volóchinov tinham objetivos bem mais abrangentes do que aquele contemplado por Jakubinskij. Fundamentalmente, o que eles queriam era construir um enfoque teórico que desse conta da complexa realidade da interação discursiva; para tanto, era suficiente que a análise do diálogo cotidiano, enquanto forma clássica e mais natural de discurso, fornecesse os conceitos e categorias básicos para iluminar o funcionamento da linguagem como um todo. O que nos leva, então, à segunda indagação que motiva o presente ensaio.

Contudo, antes de passarmos a essa questão, seria talvez instrutivo apontar aqui alguns aspectos em que os esforços dos analistas da conversação contemplam, até certo ponto, as preocupações de Bakhtin, Volóchinov e Jakubinski, que acabamos de apresentar. Os fundadores dos estudos conversacionais, Sacks, Schegloff e Jefferson, propuseram um modelo destinado a descrever o mecanismo geral que aloca as contribuições dos participantes no curso de uma conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Tal mecanismo opera com base em uma sistemática de troca de “turnos”, isto é, das vezes de fala dos participantes, seguindo o princípio geral: fala um de cada vez. O turno é constituído por “unidades construcionais” que

podem ser de vários tipos: lexicais, sintagmáticas, oracionais ou frasais. Os limites dessas unidades marcam o “lugar relevante para a transição” de um turno ao outro. Chegando ao final de uma unidade, o falante corrente pode, então, ceder o turno, quer consentindo que outro participante tome a iniciativa de intervir, quer selecionando o próximo falante; caso isso não se verifique, o falante corrente pode prosseguir e produzir mais uma unidade, dando continuidade ao turno em andamento. Dessa forma, o final de um turno é determinado por duas condições básicas: o final da unidade construcional e a efetiva cessão da fala a outro participante. O mecanismo da troca de turnos envolve um outro procedimento decisivo na organização sequencial da conversação: em geral, ao selecionar o próximo falante, aquele que está produzindo o turno também induz, ou condiciona, a próxima ação conversacional, requisitando a intervenção de um participante por meio de uma pergunta, um pedido, um convite etc. A nova ação tem, portanto, a relevância de sua ocorrência condicionada pela ação anterior, estabelecendo-se um emparelhamento imediato entre as duas; daí se denominar tal estrutura de “par adjacente”: pergunta → resposta, pedido/convite → aceitação/recusa etc. A organização do par adjacente põe em foco, desse modo, o que os analistas da conversação chamam de “relevância condicional”.

Embora limitada às poucas proposições aqui apresentadas, a simples justaposição das duas perspectivas analíticas, a dialógica e a conversacional, parece suficiente para salientar alguns pontos de convergência entre ambas: como se vê, nos dois casos, ressaltam-se, por fundamentais, o mecanismo preciso da alternância das contribuições dos interlocutores (“réplicas” ou “turnos”), a estreita interdependência (“direcionamento” ou “relevância condicional”) entre elas, bem como o significado que emerge desse processo. Vale frisar que esses resultados foram alcançados por abordagens independentes entre si e, pode-se dizer, metodologicamente bastante diversas.

3 O DIÁLOGO COMO MATRIZ ANALÓGICA NO DIALOGISMO

Busquemos, agora, responder à segunda questão colocada na introdução deste ensaio, sobre a maneira como as características do diálogo, conforme divisadas sob a perspectiva dialógica, são, nos trabalhos que se

inserir nessa abordagem, extrapoladas para os demais gêneros discursivos, de modo a se apresentarem como propriedades gerais das atividades linguageiras. De início, vale retomar o alerta feito por Bakhtin (cf. a seção anterior) para o fato de que o estudo do enunciado centrado *exclusivamente* nos gêneros primários (o diálogo cotidiano entre eles) comprometeria a compreensão correta de sua natureza linguística. De acordo com o teórico russo,

o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida (BAKHTIN, 2016, p. 16).

O ensaio no qual Bakhtin faz esse alerta, “Os gêneros do discurso”, constitui justamente o trabalho em que o autor se debruça, de forma sistemática, sobre a diversidade de formas de enunciado implicada pela noção de gênero discursivo. No entanto, é significativo o lugar de destaque que o diálogo ocupa no desenvolvimento da exposição aí feita, como deve ter ficado evidente no que foi apresentado na seção anterior.

No que segue, procuraremos dar substância à tese, já antecipada na introdução, de que, na perspectiva dialógica, o diálogo, além de ser, em si, um objeto de análise, fornece, pelo recurso à analogia, elementos cruciais para se alcançar uma caracterização da natureza essencialmente dialógica da linguagem. Nenhum círculo vicioso está envolvido nessa tarefa, uma vez que a atribuição do especificativo “dialógico” resulta simplesmente do reconhecimento que a perspectiva em questão promove do lugar fundamental do diálogo na esfera das atividades linguageiras.

Porém, antes de darmos início à discussão, seria conveniente precisar o uso que aqui fazemos do termo “analogia” e, conseqüentemente, da expressão “matriz analógica”. Em nossas considerações, entendemos “analogia” em um sentido condizente com a acepção tradicional que o termo apresenta na filosofia clássica:

[...] um termo B é aplicado de forma análoga a C, se assim é aplicado porque B está para C na mesma relação em que está para A. Desse modo, o termo “pé” é aplicado de forma análoga

à extremidade mais baixa de uma montanha, visto que é assim aplicado porque o pé está para a montanha na mesma relação que está para um ser humano [...] (URMSON, 1990, p. 21).⁴

Portanto, quando dizemos que o conceito de diálogo, na perspectiva dialógica, cumpre uma função de matriz analógica, queremos indicar com isso que tal conceito, como entendido nessa abordagem, permite caracterizar as propriedades dos diversos gêneros discursivos em termos das propriedades identificadas no diálogo cotidiano, tendo em vista que tais propriedades são percebidas como estando presentes nesses gêneros de maneira semelhante a como elas se verificam no diálogo cotidiano. A analogia, portanto, é um recurso pelo qual se passa de proposições verificadas para outras, de constatação problemática, possibilitando assim uma ampliação ou generalização do conhecimento.

Dentre todas as características do diálogo apresentadas por Bakhtin e Volóchinov, a mais saliente e decisiva consiste no papel desempenhado pelo ouvinte. De fato, uma deficiência básica apontada por Bakhtin na linguística do séc. XIX, bem como na de seus dias, encontrava-se no descaso para com a função comunicativa da linguagem: se, com Humboldt, a “função de formação do pensamento” foi elevada a primeiro plano, seria a “função expressiva”, entre os partidários de Vossler, a ganhar essa importância. Para Bakhtin, o problema nos dois casos residia em se eleger o falante como o ator por excelência no processo discursivo, ficando reservado ao ouvinte o papel secundário e passivo de receptor ou “entendedor” (BAKHTIN, 2016, p. 23-4). Segundo ele a linguística “burguesa” tendia a apresentar, mesmo em trabalhos sérios como os de Saussure, “ficções” sobre o lugar do “outro” no processo comunicativo, isto é, visões esquemáticas e empobrecidas que não correspondiam “ao participante real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 24-6).

Já para Bakhtin, “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva”; na verdade, “toda a compreensão é prehe de resposta”, através dela “o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 24-5). Embora

⁴ No original: “[...] a term B is applied analogously to C if it is so applied because B stands to C in the same relation as it does to A. Thus the term "foot" is applied analogously to the lowest extremity of a mountain since it is so applied because the foot stands to the mountain in the same relation as it does to a human being [...].”

essa caracterização do ouvinte como um sujeito da comunicação discursiva, ativamente responsivo, remeta, naturalmente, à situação da interação dialogal, a “resposta” em questão não é, para Bakhtin, necessariamente verbal e imediata, como ocorre, via de regra, no diálogo cotidiano: ela pode se dar por meio da reação física, ser silenciosa e, inclusive, de efeito retardado. Tal ampliação do conceito de atitude responsiva vai a par, obviamente, com a ampliação do âmbito dos gêneros discursivos considerados para efeito de análise. Por isso Bakhtin observa que toda essa caracterização da postura responsiva do ouvinte vale também, “com mudanças e adendos”, para o “discurso escrito e ao lido” (p. 25). Sendo assim, o traço essencial do diálogo – a presença do “outro” e sua reação – se acha, pela ampliação do conceito de ouvinte e de resposta ou ação responsiva, aplicável aos diversos gêneros do discurso.

Na verdade, tal ampliação do conceito de responsividade alcança o próprio falante. Para Bakhtin, “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau”. Essa afirmação aparentemente paradoxal não se explica pelo simples fato de que no decurso de um diálogo as réplicas se alternam em turnos sucessivos, mas porque ele, o falante, “não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo”; pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, isto é, pressupõe enunciados antecedentes (de outros ou do próprio falante), com os quais se relaciona (ou aos quais “responde”) de variadas maneiras (BAKHTIN, 2016, p. 26). Desse modo, cada uso da língua – cada enunciado - é visto pelo teórico russo como um elo – uma réplica em turno – de um “diálogo” que se desdobra em dimensões muito mais amplas do que a da ocasião em que ocorre o uso.

A responsividade, quer manifesta concretamente na réplica de um diálogo, quer implícita no silêncio da leitura, ou ainda assumida como uma possibilidade, tem um papel fundamental, porque estrutural, na comunicação discursiva. Como já dito, ela marca, segundo Bakhtin, os próprios limites do enunciado, o seu início e o seu fim absoluto, independentemente de ser esse enunciado de gênero simples ou complexo:

antes de seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão (2016, 29).

Quer consideremos, portanto, a réplica monovocal de um diálogo cotidiano, quer um grande romance ou um tratado científico, esses gêneros da comunicação discursiva têm sua delimitação determinada pela condição de responsividade.

Mas tal condição não responde apenas pelos contornos e volume do enunciado (de qualquer gênero) – ela também determina, em parte, a sua função, o seu conteúdo e sua construção composicional. No diálogo real, as réplicas envolvem, como vimos, relações específicas (pergunta-resposta, afirmação-objeção/concordância etc.); tais relações, salienta Bakhtin, “só são possíveis entre enunciados de diferentes sujeitos do discurso”, elas pressupõem outros (em relação ao falante) membros da comunicação discursiva”, são “modalidades das relações específicas entre os enunciados plenos no processo de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 30). Já em outros gêneros, a atitude responsiva a um dado enunciado pode assumir formas diferentes e com ele estabelecer diversas outras relações específicas: nos gêneros literários ou científicos, por exemplo, a resposta pode consistir na influência que uma obra exerce sobre a formação educacional dos leitores, sobre suas convicções, ou na reação crítica que essa obra provoca (p. 34).

Em Volóchinov, a presença do outro e de sua atitude responsiva invade até mesmo a intimidade do indivíduo no “discurso interior”, assegurando a dialogicidade desse gênero:

Ousamos afirmar de modo categórico que até esses discursos verbais íntimos são inteiramente dialógicos e inteiramente penetrados pelas avaliações do seu ouvinte ou do auditório potencial, mesmo que o pensamento sobre o ouvinte não tenha ocorrido ao falante (2019, p. 274).

É interessante notar, nessa passagem, como Volóchinov, ao descrever, inspirado pela analogia do diálogo cotidiano, a condição subjetiva do discurso interior, designa o indivíduo que sedia esse discurso de “falante” e o concebe em relação a uma audiência: parece natural, um falante potencial direcionando seu enunciado (pensamento) a um ouvinte potencial e prefigurando a resposta

deste último. Assim, o recurso à analogia justifica a ampliação do uso do termo. Esse caso extremo de análise do discurso esclarece, à perfeição, a estratégia de uso analógico do conceito de diálogo como um procedimento metodológico de amplo alcance na descrição das diversas atividades linguageiras no âmbito da perspectiva dialógica.

Para finalizar, convém desfazer uma possível incompreensão a que as considerações feitas nos dois últimos parágrafos podem dar lugar. O recurso ao raciocínio analógico intrínseco à perspectiva dialógica de análise do discurso em nada compromete a legitimidade dos resultados alcançados. O procedimento analógico é, como se sabe, uma operação desde sempre aplicada na investigação filosófica e científica como um meio de se chegar a uma extensão ou generalização do conhecimento partindo-se da experiência comum ou da evidência à disposição. Muitas vezes, como parece acontecer no caso da análise dialógica, a analogia funciona como uma lente de aumento que permite enxergar propriedades do objeto em foco que permaneceriam invisíveis aos olhos desarmados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho puramente ensaístico não pretendi exercitar a interpretação alargada dos textos que estão na origem da perspectiva dialógica da análise discursiva. Busquei apenas, pela leitura da exposição encontrada em alguns deles, surpreender uma conduta analítica, ou um procedimento metodológico, a *analogia*, adotada no enfoque do uso da linguagem em geral a partir das características básicas do diálogo cotidiano. Tentei mostrar que tal procedimento, ou conduta, parece ser decisivo para a análise dos fenômenos, a formulação de proposições teóricas e o estabelecimento de certa terminologia nesse campo de investigação.

Caberia, aqui, como arremate, retomar a aproximação que fizemos, em alguns momentos deste trabalho, entre as perspectivas de análise dialógica e conversacional, para considerar o alcance teórico dos resultados obtidos pelo trabalho analítico desenvolvido nessas duas frentes. Embora a análise da conversação se situe na esfera dos estudos etnometodológicos como um de seus campos mais desenvolvidos, os resultados a que ela chegou se colocam

ao lado daqueles alcançados em outras áreas que também atraem o esforço de investigação sobre as propriedades das atividades sociais corriqueiras, sem que tais resultados se estabeleçam necessariamente como referencial teórico ou conceitual para a o trabalho realizado nessas outras áreas, não obstante a reconhecida centralidade da interação conversacional nos negócios humanos. Já na análise dialógica, as atividades interacionais e linguageiras, como um todo e em sua diversidade, recebem um enfoque que é proporcionado por um aparato conceitual e terminológico que se baseia nas propriedades definidoras do diálogo. Como procuramos mostrar, esse procedimento envolve, fundamentalmente, o recurso à eficácia explanativa da analogia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

CLARK, H. H. **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUNHA, D. A. C. Sobre a fala dialogal: convergências e divergências entre Jakubinskij, Bakhtin e Volochinov. **Conexão Letras**, Porto Alegre, 11 (6), p. 31-49, 2016.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. 2nd ed. London and New York: Routledge, 2002.

IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. **Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1), p. 239-267, ago./dez. 2011.

JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal**: textos editados e apresentados por Irina Ivanova. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola, 2015.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A. JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language** 50 (4), p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. A. *Interaction: the infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted*. In: ENFIELD, N. J.; LEVINSON, S. C. (eds.) **Roots of human sociality**: culture, cognition and interaction. London and New York: Routledge, 2020, p. 70-96.

URMSON, J. O. **The Greek philosophical vocabulary**. London, Duckworth, 1990.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório: Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

DADOS DO AUTOR

Fanuel Paes Barreto

Possui Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1982), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1998) e Doutorado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (2023). Atualmente é Professor Assistente da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência nas áreas da Teoria e Análise Linguística, bem como em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa. *E-mail:* fanuelpaesbarreto@gmail.com